

O ANJO E EU

Tem dias que parece que o tempo não passa, patina. Sei lá! Analisamos nossas vidas e nossa história, o que encontramos? Muitas vezes nada, ou talvez só o passado; do presente temos apenas vagas lembranças. Alzheimer? Não sei! Lembranças poucas, mas o suficiente para saber que tudo valeu a pena. Enquanto isso, aguardamos as cenas dos próximos capítulos. E até mesmo essa frase de efeito do final das novelas já ficaram lá pelos anos oitenta; ah! Anos sessenta! Quanta saudade, mas saudade do que?

Talvez do primeiro ou do segundo beijo, das brincadeiras de roda e de passar anel, lembro muito bem. Eu acho, né! Fazer cem anos não é para qualquer um!

- Oi filha, falta muito ainda? Quantos mesmo eu tenho? Nossa, só isso?!

Dizem que reviver o passado é sofrer duas vezes. O bendito Alzheimer só me faz esquecer o presente, mas o passado me pertence. E que maravilha foi essa vida!

Vamos ao que interessa, pois no fim das contas são as nossas histórias que interessam.

A minha e a de X.

A tarde já se ia, as dores começavam.

- É! Acho que está na hora de chamar dona Nena, a parteira.

Por aqui por essas bandas não existe hospital, até tem, mas para chegar de charrete levaria o tempo de uma nova gravidez e gestação. Então há de ser parteira mesmo. Dona Nena chega, ainda precisa de ajuda para descer do cavalo, pois seu peso avantajado já passou os cento e vinte há um bom tempo. Eu me

pergunto: como ela conseguiu subir? Não consegue nem descer! Mas não sou eu quem vai perguntar.

Entra no quarto. Ufa! Quase não dá tempo. O cordão estava todo enrolado no pescoço e o menino já estava todo roxinho, quase não respirava mais. Ela corta o cordão e ele chora, um chorinho gemido...foi por pouco, muito pouco.

Aquela colônia onde X nasceu, quase divisa com outro país, tinha como proprietário um italiano por nome. Na verdade, ninguém que trabalhava na fazenda sabia; mas todos o chamavam de "nosso senhor". Nosso senhor, era um homem de poucas palavras, mas as poucas, eram sempre com arrogância e dureza. Dono da verdade, não aceitava opiniões. Era o deus do lugar.

Suas terras pareciam não ter fim. Ele morava na capital do estado, mas ficava a maior parte do tempo na fazenda. Ele deve ser muito influente, diziam. Uma vez apareceu lá com o Médiçi, ouviram falar que virou presidente da nação

Os colonos que ali viviam, italianos em sua maioria; uns poucos alemães e seus descendentes.

Alguns descendiam de escravos, estes eram poucos. O nosso senhor, nunca se dirigia a eles.

O avô de X era o administrador da fazenda e um dos poucos com quem nosso senhor conversava bastante. Ele era um senhor muito correto, apesar de duro, às vezes. Atendia tudo que o patrão determinava. Ele tinha doze filhos, todos trabalhavam na fazenda com ele. Com os filhos era um pouco mais brando, mas com o resto era muito rígido.

Dos filhos, sete eram homens e cinco mulheres, todos casados. Geralmente a união se dava entre parentes e vizinhos, raramente se envolviam com pessoas de fora. A colônia tinha uma espécie de código de leis próprias, todos seguiam fielmente tudo que era imposto pelo nosso senhor.

Não era permitido estudar fora e não se estudava o convencional das escolas públicas. A escola era da própria fazenda.

No local se aprendia religião. Escrita do português? Quase ninguém conhecia. Na fazenda, a língua que dominava era um dialeto italiano. Os alemães se adaptaram também a essa língua.

Havia um professor de música. Um senhor já bem idoso, o qual todos conheciam como o maestro. Realmente, ele era maestro. Além de maestro, também era ele que medicava a todos lá. Ele veio da Itália já na casa dos quarenta anos, dizem que fugido. Ninguém sabia o motivo, menos o nosso senhor, que foi quem o trouxe em umas das suas viagens à Itália. Mais tarde ficamos sabendo quem ele era de verdade. Mas essa é uma outra história. E ele também não era italiano, e sim, alemão.

A cidade mais próxima da colônia era a mais ou menos uns cinquenta quilômetros. Só se saía da fazenda com autorização do avô de X e os autorizados eram dois dos doze filhos do administrador: Um deles era o pai de X. Ele era um homem diferente dos outros. Não aceitava muito as regras da fazenda, imposta pelo nosso senhor, mas em respeito ao seu pai, ele as engolia. Tinha apenas um filho...e quem era ele?

Claro, X. X crescia ali acompanhando o movimento do lugar. Não era muito de estudar, não! Mas, também, estudar o quê? Ele gostava mesmo era do maestro, e logo começou a estudar música que era sua verdadeira paixão. Ele aprendeu vários instrumentos, mas o português, muito pouco.

Apenas algumas coisas que seu pai aprendeu com o pouco contato que tinha, já que era um dos que podia sair da colônia. O pai de X era a pessoa mais mente aberta que tinha na fazenda.

Ele era o único que às vezes contestava as regras e normas que vigorava no local. Por várias vezes tentou convencer seu pai a autorizar o neto estudar na cidade, mas a resposta positiva nunca veio.

A vontade que ele tinha era de conhecer São Paulo, cidade que ouvia falar muito através das cartas que seu pai recebia de uma irmã, a tia Dorfa, que morava na capital. Ela veio casada da Itália e logo que chegou ao Brasil ficou viúva. Eles não a conheciam pessoalmente, mas através das cartas que seu pai recebia e sempre lia em voz alta, mas só o que convinha-. Ele percebia isso, pois as vezes, ficava claro que seu pai pulava pedaços do que estava escrito. O pai de X, guardou alguns dos envelopes das tais cartas, pois nelas havia o endereço da tal tia. O sonho dele era morar em SP. Uma vez ele perguntou para seu pai se podia ir passear na casa da tia Dorfa: a resposta foi um não!

Quando X tinha quatorze anos, seu pai numa dessas idas a cidade, comprou um radinho de pilha e levou escondido, pois na colônia era proibido ter rádio. O radinho foi dado a X, mas com a recomendação de que ele não contasse a ninguém, principalmente ao seu avô. Todos os dias, lá pelas sete da noite, X e seu pai escutavam um certo jornal que sempre falava de coisas que eles não entendiam quase nada; economia, crise, guerras, entre outros assuntos.

Com isso, tanto X quanto seu pai foram se familiarizando com a língua meio estranha, a qual eles não tinham muito contato, mas meio empiricamente, X, foi aprendendo o português.

Foi então que seu pai tomou a decisão de que, como ele não tinha como sair de lá para conhecer São Paulo, teria que arrumar um jeito de mandar X. Mas como?

Ele observou, que na colheita do algodão, sempre vinha uns caminhões que tinham placas de São Paulo. Ele disfarçadamente conversou com um dos motoristas. Quis saber sobre a tal capital tão famosa.

O motorista, um senhor de uns cinquenta e cinco anos, muito atencioso, foi lhe narrando como era a vida na cidade grande, não que ele fosse de São Paulo, mas havia ido várias vezes para lá a trabalho. Enquanto ele falava da cidade maravilhosa, o pai de X ia se entusiasmando.

Foi então que ele, meio sem jeito, perguntou ao motorista quando ele voltaria a carregar na fazenda. Ele disse que provavelmente na próxima colheita. O pai de X, mais que depressa, mais ainda sem jeito, pergunta:

- Da próxima vez que o senhor voltar a carregar aqui; será que poderia levar um filho meu até São Paulo, para ficar um tempo com uma tia minha?

Dias se seguiram, meses também. O pai de X foi introduzindo o assunto ao filho, preparando-o para a tal viagem. A princípio X disse que não queria ir sem os pais; mas seu pai foi explicando por que teria que ser assim.

- Sabe filho, seu avô não anda muito bem do coração, se me for assim de repente....sabe, eu tenho medo.

O menino entendeu, e com o passar dos dias foi fixando aquela ideia na cabeça.

Procurou ouvir mais o radinho para se familiarizar com o português. E assim passaram os dias até que a nova colheita fosse se aproximando. Por fim chegou a tão esperada safra. Começo, meio, e nada do motorista retornar para carregar. Foi então que ele decidiu falar com um outro caminhoneiro. Um homem de poucas palavras.

- *Buono diorno,*

- O quê?

- *Buono* dias.

- Ah! Bom, bom dia.

- O senhor vai carregar para onde?

- Para o rio de janeiro.

- Passa em são Paulo?

- Só pela marginal.

- E o que é isso?

- É principal avenida de São Paulo.

Sem saber também o que era avenida, arriscou, misturando seu dialeto com o péssimo português.

-“*O senhore non levaria um bambino mio co te, até lá*”?

O homem de poucas palavras.

- Claro que não! Daqui lá é muito longe, demora vários dias. Sem contar o gasto na estrada com *boia*

O pai de X, que já havia se preparado fazendo algumas economias; logo diz ao homem que dava um dinheiro para as despesas. E o homem sem hesitar e sem pensar nas “responça” responde que se puder deixar ele na marginal, o leva. O homem sairia bem cedo, já que a carga ficou pronta na tarde anterior.

Naquela noite a mãe de X aprontou as malas e o pai deu todas as orientações de como ele deveria proceder lá em São Paulo para procurar a tal tia.

- Filho aqui está o envelope com o endereço da tia Dorfa.

A ideia do pai era de que o menino fosse para São Paulo, conhecesse a tia Dorfa e pedisse a ela que arrumasse um lugar para que ele pudesse levar a família. E assim, cumprir o sonho de morar em São Paulo, a tão sonhada cidade falada por todos.

Assim na manhã seguinte, antes de todos, já estava o pai de X, acordando o motorista, para que a viagem seguisse. O motorista, muito bravo por ter sido acordado tão cedo; nem vou narrar porque não vale a pena!

- O senhor tem que sair agora, pois ninguém pode saber que o menino vai com o senhor.

O homem mais bravo ainda responde,

- Então não levo! Primeiro que eu tenho que falar com administrador antes de sair.

Nossa! O tal administrador era seu pai.

- Está bom senhor, eu vou dar um pouco mais de dinheiro do que o combinado, vou esperar com o menino lá no fim do carriadô.

O homem que pelo jeito não podia ouvir falar de dinheiro; concordou. Pouco depois, para aquele caminhão e lá sem cerimônias, apenas um beijo na testa, seu pai o coloca na cabine daquele veículo.

Por um momento X, fica em silêncio, não lhe vem palavras, mas também dizer o quê; já que estava indo rumo ao desconhecido. Todos nós vivemos caminhando rumo ao desconhecido o tempo todo, né! Bateu aquele medo quando o homem disse com aquela voz rouca e forte:

- Fique tranquilo menino. Seu pai pagou bem, eu vou cuidar bem de você.

Aquilo lhe deu um certo alívio, apesar de não ter entendido muito bem aquele sotaque nordestino.

E assim seguiram dia a dentro.

- Moço queria *manjare*;

- E onde eu vou arranjar marjar para você moleque essas horas?

Não sabia ele que o jovem estava apenas com fome. X, calou-se.

Até que param em um lugar à beira da estrada. Era um posto de gasolina e um restaurante. O homem abasteceu, depois parou o caminhão debaixo de uma figueira que havia ali do lado.

- “Vamos descê menino, vamo cumê”.

X, sem entender muito bem, o acompanhou, entraram no estabelecimento. Logo uma senhora muito simpática, veio atendê-los.

- O que os senhores desejam?

O homem logo foi fazendo seu pedido, e na sequência, perguntou ao menino, o que ele queria. X, respondeu que “*non capisco* (não entendi). A mulher, que possuía um sotaque estranho, mas muito parecido com o do pessoal da fazenda, pensa; esse menino deve falar a minha língua, e já foi logo conversando em italiano com X.

Ela o levou até onde estava a comida e lhe disse,

- Coma o que você quiser.

Em italiano, é claro.

Motorista de longe observando, porém, sem entender nada. Comeram e repetiram. Na saída x, disse a mulher que queria ir à privada. A mulher mostrou o caminho, ele dirigiu-se a porta indicada. Quando X, entrou, ele não entendeu nada, tudo era muito diferente da privada lá da colônia. Para quem não conhece, o mictório da roça, é uma casinha, construída em cima de um buraco parecido com um poço ou fossa, e ali a pessoa se posiciona de cócoras e faz suas necessidades. X, olhou viu apenas um trem estranho com um pouquinho de água ao fundo; ao lado uma tampinha redonda com uns furinhos, era o ralinho do chuveiro. Perto da porta uma torneira, mas ele nunca tinha visto uma. Atrás da

porta uma toalha pendurada.

X já estava cruzando as pernas....apertado mesmo. Com um cabo de vassoura mexeu no ralinho do chuveiro e percebeu que o mesmo estava solto, viu que havia um buraco embaixo, está certo que era muito raso, nem se comparava com o da privada lá da fazenda.

Mais que depressa, ele fez suas necessidades ali mesmo. Terminando, ele procurou a caixinha de sabugo para se limpar, mas não tinha ali! Isso mesmo, sabugo de milho. Quem é mais velho e que morou na roça, sabe do que eu estou falando; usava-se sabugo para se limpar....engraçado né! Mas era assim mesmo. Como não havia sabugo ali, ele viu a toalha pendurada atrás da porta e pensou, vai ser com a toalha mesmo, e assim o fez, tampou o ralo novamente, cobrindo a sujeira, mas sujou as mãos. Água, só aquele pouquinho ali no vaso sanitário, mas como eu disse, ele nunca tinha visto um. Viu a aguinha meio amarelada, e ali mesmo lavou suas mãos.

Saiu com uma carinha de sem graça, quando ouviu a voz esbravejada do caminhoneiro,

- Pensei que tinha ido com a descarga.

Ele não entendeu nada, nem sabia o que era descarga.

Rapidamente, foram para o caminhão e continuaram viagem. Já pela tardinha, chegaram a um galpão onde havia muitas pessoas trabalhando. O motorista desceu, pediu que esperasse na boleia. E ali ele ficou por mais de uma hora. Já escurecido, quando o homem retorna e lhe fala.

- Desce, vamos para casa.

- "Mas senhore noi non vamo pra São Paulo

- Vamos, mas não hoje! Só daqui uns dias.

X, entendeu, mas meio que sem entender, achando que iriam direto. Na verdade, o que houve foi que quando chegaram no depósito, o homem foi informado que não seguiria com aquela carga até São Paulo; pelo menos é o que eu acho. Pode ter sido de caso pensado.

Ele chamou X e disse que iriam para sua casa e que só iriam para São Paulo daqui a alguns dias. E assim fizeram. X tentou questionar.

-“Senhore mia tia esta mia espera”.

A resposta foi a seguinte:

- Menino....tem outro jeito não! O jeito é esperar. E seguiram para a casa do homem.

Andaram por umas ruazinhas que pareciam serem todas iguais, pegaram uma estradinha de terra, depois um “carriadozinho”, até que chegaram na casa. Era uma casinha até que bonitinha, mas bem isolada. Ali o homem vivia sozinho. Poucos móveis, apenas um fogão a lenha e uma espiriteira ali pendurada junto com umas panelas de ferro. O cheiro não era dos melhores! Logo X, percebeu que aquele não era o melhor ambiente para se viver. Isso comparado com sua casa simples, mas tudo limpinho. Por um momento parou então lhe veio a primeira lembrança da mãe, acompanhada da primeira saudade.

O jovem se via ali perdido em seus pensamentos, pois não tinha ideia do que estava acontecendo. Seu pensamento principal era chegar a São Paulo e procurar tia Dorfa.

O homem estendeu um colchãozinho de palha de milho que estava enfiado por baixo de outro colchão maior, ambos sobre a única cama que ali existia. Era mês de julho, fazia um frio danado, e pela primeira vez na sua vida X sentiu frio de verdade. Lembrou das vezes que sem ele pedir, sua mãe lhe levava outra coberta e sempre retornava com um beijo e um “eu te amo bambino mio”. Ali estava ele, sem pelo menos saber exatamente o que estava acontecendo.

Na manhã seguinte, acorda já com o sol entrando pela fresta da comueira. O homem quando percebe que X acordara, diz:

- Achei que ia dormir o dia todo. Já são quase sete da matina. Estou indo “trabaiá”. E vou te passar umas tarefinhas: Dá milho para os porcos e para as galinhas, água também. Tem uma enxadinha aqui atrás da casa. Vê se dá uma capinadinha no quintal, de tarde eu volto.

X, pensou, pensou, mas nem mesmo sabia ele onde estava. Andou pela casa em busca de algo para comer, mas não achou nada. Lhe veio a lembrança da mama chegando a mesa todas as manhãs com o pão caseiro quentinho.

Foi para o terreiro cumprir as tarefas delegadas pelo homem e por último pegou a enxadinha e começou a capinar os matos ali existente. Realmente era um lugarzinho muito mal cuidado. Ele observou que logo ali dos lados havia uma pequena plantação de milho, com alguns pés de melancia no meio. Opa! Pelo menos algo para comer havia. Lá pelas onze, tirou algumas espigas, levou até o fogão, acendeu uns gravetos e colocou o milho para cozinhar; a panela estava feinha, a fome estava pior. Ficou por ali fazendo uns biscozinhos para preencher a tarde. Até que a mesma foi se indo. Já pelo escurecer, ao ouvir um latido e o barulho dos gansos, percebeu que o homem estava chegando. Lhe bateu um medo, mas alívio; pois não estaria mais só. O homem chegou, não perguntou e nem falou nada!

Dirigiu-se ao chuveiro que era um biombo grudado à casa e tomou um banho de gato. Banho de gato é um banho mal tomado, na verdade lavou os braços, o rosto e os pés. X lembrou do seu avô, era mais ou menos o banho que ele tomava quando chegava da roça. Imaginem vocês, semana inteira lavando só as extremidades, mas era assim naquele tempo. As pessoas diziam que tomar banho todos os dias fazia mal para saúde.

Quando o homem saiu da casinha de banho, chamou X, pelo nome. O menino dirige-se até ele

- Vai apanhar umas espigas de milho para "noi cuzinhá"

O menino então apontou para o fogão e falou:

- *"Io já fiz isso senhore, e só manjare"*

O homem sem dizer nada, dirigiu-se ao fogão e comeu todas as quatro espigas que havia na caçarola, nem ao menos perguntou para o jovem se havia comido ou não. Bocejou uma água na boca, sentou-se e começou a fazer perguntas a X, sobre como era a vida na colônia. X respondeu todas as suas perguntas, pois havia entendido maior parte delas, já que estava se habituado ao português.

Por um momento lembrou do radinho que havia deixado para trás, por esquecimento.

- *Senhore, quando vamos para San Paolo?*

- Assim que tiver carga. Num se avexe não!

No dia seguinte o homem levanta cedo e ao ir buscar uns gravetos para acender o fogão a lenha para fazer um café, percebe a transformação no quintal em volta da casa. Nossa, parece que passou um furacão aqui.

Entra e enquanto acende o fogo, diz:

- Gostei da arrumação lá fora.

X, responde.

- Hoje eu continuo senhore.

Tomam café juntos, e o homem dá um "inté" e se vai. X passa o dia ali tratando dos animais, inventando algo para fazer, alias, o que mais tem é algo para fazer.

Acha uma caixa de ferramentas, conserta uns galinheiros, emenda uns arames do

cercado dos bodes, limpa uns pés de frutas, assim o dia passa. A tarde o homem chega sem muita prosa, dirige-se ao fogão onde já há uns milhos cozidos e abóbora também. O homem se esbalda de comer e depois de um tempo olha para o menino e diz:

- Tu estás dando para uma boa dona de casa, estou gostando de ver!

Dias se sucederam, trocavam algumas palavras. O homem não era de muito papo não, mas já se mostrava mais carinhoso com X.

Ele era um solteirão convicto e que não falava de mulheres e o pouco que falava, era mal.

Em umas das noites, X acorda e quando se vira, pela claridade da lua cheia que entra pelas frestas, vê o homem bem do lado de sua cama, ele estava de pé e nu. O menino senta-se na cama rapidamente, mas o homem lhe acalma pedindo que deitasse,

- Eu vim te cobrir, você estava tremendo de frio, te trouxe outra coberta.

Na noite seguinte X novamente acorda, dessa vez sendo tocado. Por um momento ele finge dormir e percebe que o homem lhe acaricia as pernas. Ele não entende o que acontece, finge ir acordando aos poucos e o homem se afasta. No dia seguinte o homem acorda o jovem, sacudindo-lhe.

- Acorda menino, vem tomar café, eu comprei uns pães para nós.

Ao levantar, X percebe que a pequena mesa de tábuas estava coberta com uma toalha. Suja na verdade; mas ele nem sabia que tinha ali uma toalha de mesa. O pão já estava cortadinho e tinha até uma latinha de aviação. O homem tomou um cafezinho e se foi. Antes de ir, ele diz a X.

- Eu estou indo para longe hoje buscar uma carga, mas logo volto, você vai dormir uns dois dias sozinho, mas não tenha medo não, não tem perigo, o pirulito

e o barão estão aí, ninguém encosta.

Pirulito e barão eram os dois cachorros que viviam ali. Havia outros, mas esses eram os mais imponentes. X não tinha outra escolha. Primeiro, estava perdido geograficamente no mapa, não tinha nem ideia de onde estava. Pensou! Já que o homem iria se ausentar, poderia fugir, e arrumar outro meio de seguir para seu destino. Mas por um momento analisou e decidiu esperar, pois com o homem, lhe pareceu o melhor jeito de chegar a São Paulo. Nos quatro dias seguintes, ele se sentiu dono do lugar. Ele achou uns restos de tintas que havia num pequeno paiol, pintou a casa por fora, os balaústres da entrada, adubou a horta e os canteiros que haviam ali, e fez mais alguns biscozinhos.

No terceiro dia a sós na casa, ele resolveu dar uma volta nas redondezas, se afastou por cerca de uns mil metros e encontrou um rapaz que armava umas arapucas por lá. O rapaz puxou conversa com X, lhe falou algumas coisas sobre não se aproximar da casa logo a frente, pois lá morava um homem muito esquisito e que muitos na redondeza falavam coisas horríveis sobre ele, mas não entrou em detalhes. O menino entendeu, fez algumas perguntas sobre o tal homem, mas o rapaz não entendeu muito o que X perguntara. O mesmo pegou as arapucas e saiu apressadamente. O jovem andou um pouco mais, ali na redondeza, porém não viu mais ninguém. Ele resolveu voltar para casa. Ficou meio confuso sobre a direção, mas foi reconhecendo o caminho, até que chega a residência. Quando entrou, alguém fecha a porta. Entre gritos esbravejados do homem que havia chegado e não o encontrado na casa e nem no quintal.

- Nunca se afaste daqui menino, é muito perigoso.

X ficou com muito medo do jeito como o homem falava. Ele estava muito enfurecido. Depois de mais de uma hora de silêncio:

- Senhore eu preciso ir para San Paolo, meu pai deve estar preocupado.

O homem já bem mais calmo responde.

- Menino, eu vou te levar, mas vai demorar um pouco. Eu trouxe umas coisas para você, estão aí na sacola.

Entregou a X. Havia umas balas grandes. O menino foi comer e comentou.

- Senhora eu nunca vi balas desse tamanho.

- Isso se chama bombom de chocolate.

X nunca ouvira falar em chocolate, mas gostou. Ambos conversaram um pouco e logo foram dormir. E como das outras vezes, ele acorda com o homem lhe tocando, novamente ele finge dormir.

E assim os dias passam; muitos dias por sinal, e nada da tal viagem. Com o passar do tempo, X percebe que o homem vai ficando mais dócil, já conversa com mais mansidão. X está sendo muito bem tratado por ele, não tem do que reclamar. O homem a elogia muito, cada vez que chega e vê a transformação da casa e dos arredores. Mas na medida que passa o tempo, a relação do homem com o garoto começa a ficar anormal. X, não entende o porquê, mas o homem já fica quase todas as noites por horas na sua cama e depois de acariciá-lo muito, volta para a sua.

X percebe coisas muito estranhas, mas na sua inocência continua sem entender nada.

Em umas das noites, o que o homem tentou lhe fazer lhe incomodou muito: algo que não convém comentar. Ele que já não se sentia bem com aquilo que vinha acontecendo, resolveu falar com o homem. Na manhã seguinte e enquanto tomavam café.

- "Senhora io non quero qui o senhore vem mais para mia cama".

O homem sem nada responder, termina seu café e sai sem se despedir. X fica por ali e resolve dar uma volta um pouco mais longe, e durante a manhã toda ele anda

pelos arredores. Em um lugar um pouco mais descampado ele vê algumas chaminés bem ao longe, mas muito longe mesmo, até lembra da história de João e maria, contada pelo seu pai: Havia uma chaminé com fumaça saindo. Era uma velhinha fritando bolinhos.

Bom eu não vou contar! Qualquer um conhece essa história.

Ele na sua pouca vivência de mundo, pensa melhor: vou voltar, vai que é casa da bruxa da história.

E assim a cada dia que se passa ele caminha por lugares mais distantes, em pouco tempo conhece toda a redondeza. O lugar é realmente afastado da cidade, com poucas casas muito distantes umas das outras. Em um dos dias ele até tenta fazer contato em uma delas. Chega e bate palmas, sai uma senhora bem de idade, lhe pergunta o que ele deseja.

- Senhora sabe me dizer como faz para chegar a San Paolo e se é perto?
- Sei não filho! Só ouvi falar, mas dizem que é muito longe. Onde você mora menino? Pergunta a senhora.
- Moro lá na colônia da fazenda.
- Que fazenda?
- A do nosso senhor.

A mulher sem entender do que o menino falava, disse:

- Melhor você voltar para lá, é perigoso andar sozinho por essas bandas, dizem que sumiram dois meninos um tempo desses.

A senhora entrou, deu um tchau, um “vá para casa, menino” e fechou a porta.

X volta e nesta noite o homem não retorna para casa. Na manhã do dia seguinte

ele acorda, toma seu café, trata da criação como nos dias anteriores. Lá pelas nove, quando ele se preparava para dar uma volta, o homem chega e lhe chama pelo nome. Ele responde.

- Estou aqui atrás do chiqueiro senhore.

Pega uma vassoura para disfarçar que estava nos afazeres.

O homem lhe diz:

- Eu vou ter que sair e não venho para dormir, mas fica tranquilo que logo eu volto. Deixei comida aí e quando voltar trago mais, logo vamos para São Paulo.

- Está bom *senhore*.

A dúvida paira sobre X. Essa seria a chance de escapar, mas pensa ele, “io non tô preso”! além do mais, o homem disse que logo iríamos para San Paolo. E ele resolve que aguardar seria a melhor solução.

X sente muita saudade de casa, seu pensamento às vezes parece desejar seguir o melhor caminho e o melhor caminho seria rumo a sua mama e seu papa, mas São Paulo era o destino acertado com seu pai. Ele não poderia desapontá-lo. A realidade era incerta, ele se via ali sem mesmo saber onde estava.

Como de costume, fez os afazeres no quintal e pensou: Vou dar uma arrumada geral na casa por dentro. Tenho certeza que o homem vai ficar contente e quem sabe me leva para São Paulo mais rápido.

Organizou toda a cozinha, consertou as prateleiras, tirou os lençóis das camas, parecia que nunca tinha visto água Lavou-os, estendeu os colchões de palha ao sol, para perder aquele cheiro insuportável de mofo com azedo. Havia ali uns dois baús, onde o homem guardava suas roupas, organizou e dobrou tudo. Quando ele puxou um dos baús para limpar embaixo, viu umas roupas de criança e elas estavam com algumas manchas e rasgadas, havia também um estilingue e uma bolsa de escola.

Sem entender do que se tratava aquelas roupas, ele as deixou no mesmo lugar que estavam, embaixo da referida caixa, mala talvez, ou baú mesmo. Esta noite ele dormiu bem, a casa estava com cheirinho de limpeza, cheirinho do desinfetante que ele mesmo fez com umas folhas secas de eucalipto, como sempre via sua mãe fazendo. Dia seguinte, tudo normal seguindo sua rotina. À tarde ele foi até o paiol pegar umas espigas de milho para tratar as galinhas como estava muito desorganizado resolveu dar uma geral no local.

Ao limpar o piso do paiol que era de tábuas, percebe que uma delas estava meio solta, vê, então, que há algo embaixo e resolve verificar o que é. Há um saco com a boca amarrada. Quando ele abre, saem algumas baratas e cheira forte. Ele tira o saco e põe encostado ao paiol.

Faz o conserto do assoalho, e esquece o saco ali encostado. Já no finalzinho da tarde quando ele já se banhava, percebe que há alguém do lado de fora observando pela fresta.

A pessoa ao ser notada por X, se afasta, e o menino então vê que o homem voltara. Ele termina seu banho e antes de entrar na casa-a casinha de banhos ficava do lado de fora lembra-se do saco e vai até o paiol, mas vê que não está mais onde ele havia deixado. Parou, achou estranho, mas se distraiu com algumas galinhas que o rodearam querendo milho. Livrou-se delas, foi para dentro. Ao entrar, já avisa ao homem que há espigas de milho cozido no fogão. O homem não responde, faz silêncio por uns minutos e em seguida pergunta com voz mansa.

- Por que você tirou aquele saco para fora?

O menino explica que percebeu o assoalho solto e resolveu arrumar:

- Foi então que vi o saco e tirei para jogar fora.
- O homem continua o questionamento.

- Você viu o que tinha dentro?

O menino diz que não; mas responde que tirou porque fedia muito. Ele pergunta ao homem onde tinha colocado, para que no dia seguinte ele enterrasse. O caminhoneiro responde que ele mesmo já tinha feito isso.

Ambos conversaram um pouco antes de irem dormir, geralmente o homem perguntava mais e X sempre respondia tudo, mas o homem raramente respondia com clareza as perguntas do menino.

Novamente nesta noite X acorda com o homem deitado ao seu lado e se roçando e acariciando-o e assim nas noites seguintes, aquela era a rotina. A cada noite X sentia-se mais incomodado com aquela situação. Na manhã seguinte, ao tomar café, X diz:

-Senhore, io acho que vou embora.

- Para onde menino?

- “Io me viro, preciso ir pra San Paolo logo, mio papa deve estar preocupado”.

- Preocupa não menino! Outro dia quando eu fiquei sem voltar, eu fui até a fazenda, vi seu pai, e falei para ele que você estava aqui comigo, até me mandarem levar carga para são Paulo; então fica tranquilo que ele sabe que você está aqui comigo.

O menino abriu um sorriso, fez algumas perguntas sobre seu pai e sua mãe. Se fizeram alguma recomendação. O homem o tranquiliza e diz que sim e que a recomendação era obedecê-los seguir suas orientações. O menino fica mais aliviado.

Nos dias seguintes o menino vai se incomodando mais, até que em uma noite, ele sai da passividade e levanta-se.

- *Senhore io nom quero mais isso non. Si o senhore vier para mia cama, io me voi.*

O homem sem responder volta para seu canto. Logo amanhece o dia e X percebe

que o homem já não estava mais lá. Segue seu dia, a mesma rotina. A tardinha o homem volta, nem mesmo olha para ele, não diz uma só palavra. Mas a noite quando X já dormia, novamente é acordado com o de sempre. Quando o menino se prepara para reagir, é violentamente segurado pelo homem e o que acontece é exatamente aquilo que ele já vinha ensaiando há tempos. O menino se defende, mas as forças são desiguais. X consegue escapar e corre até a porta, sai para o quintal, se esconde ali numas moitas de cana próximas da casa. O homem procura chamando-o pelo nome.

- Volta pra dentro menino, você não tem como escapar.

Um medo aterrorizante toma conta de X. Nunca ele havia passado por situação semelhante e na sua inocência, mal sabia o porquê de aquilo acontecer.

O homem vasculhou por horas. Algumas vezes passou muito perto do menino, mas como era noite de lua minguante, a escuridão se fazia plena. Aquele breu provavelmente o protegia. O menino percebia que de vez em quando o homem silenciava, mas, de repente, berrava alto para todos ouvirem. Todos que eu digo é: Os animais da casa e eu.

Enquanto berrava chamando por X, ele bebia cachaça sem parar. Percebia o menino que ele já estava embriagado como nunca se vira antes. E bêbado ele dizia coisas de arrepiar e apavorar qualquer um, imagina para um menino nada vivido.

Os cachorros da casa estavam ali do lado do homem, como se nada entendessem, ambos muito próximos de X. Ele estava sentado em uma tora grande que havia no pequeno canal. O homem conversava com os cachorros lhes ordenando. Vão atrás daquele pirralho, tragam-no para mim. Os cachorros continuavam ali parados. Não que X visse claramente, devido a escuridão, mas como estava muito próximo, era clara a cena. Por um instante os cachorros se viram e parecem sentir o cheiro do menino. Abanam o rabinho e começam a latir desesperados de alegria e o lambem. Foi então que o homem percebeu que provavelmente seria o garoto. Se aproxima da moita de cana e identifica que é o menino. X tenta correr, mas tropeça em uma pilha de lenha que ele mesmo havia amontoado ali. O homem se